

1 (Uespi-PI)

O romance *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco, foi publicado em 1862. Considerado um dos principais romances portugueses do século XIX, a obra fala do amor impossível entre Simão Botelho e Teresa de Albuquerque. Ainda sobre esta obra é **correto** afirmar que:

- a) *Amor de perdição* é um romance que já prenuncia o Realismo-Naturalismo em Portugal.
- b) o personagem de Simão Botelho foi inspirado num outro famoso personagem da literatura ocidental: Casanova.
- c) com exceção dos primeiros capítulos, toda a estória se desenvolve no sul da Espanha.
- d) Domingos Botelho, Baltasar, João da Cruz, Tadeu Albuquerque e D. Rita Castelo Branco são alguns dos personagens da obra.
- e) Camilo Castelo Branco localiza sua estória nas últimas décadas do século XVIII.

2 (UFPA)

Leia as seguintes estrofes do poema “Não te amo”, de Almeida Garrett:

Não te amo, quero-te: o amar vem d'alma.
E eu n'alma – tenho a calma,
A calma – do jazigo.
Ai! não te amo, não.

Não te amo, quero-te: o amor é vida.
E a vida – nem sentida
A trago eu já comigo.
Ai! não te amo, não.

Ai! não te amo, não; e só te quero
De um querer bruto e fero
Que o sangue me devora,
Não chega ao coração.

[...]
E infame sou, porque te quero;
Que de mim tenho espanto,
De ti medo e terror..
Mas amar!... não te amo, não.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1976. p. 244.

Considerando que Garrett é um poeta romântico, é **correto** afirmar que, nas estrofes transcritas acima,

- a) o poeta confessa, claramente, o desejo que o devora, em imagens subjetivas e fortes.
- b) o poeta ignora o desejo que sente, mantendo a objetividade e o equilíbrio formal de base racionalista.
- c) os versos ilustram uma poesia de inspiração bucólica, de comunhão com a natureza e exaltação da vida simples e pastoril.
- d) o poeta, que está sempre em busca de uma perfeição possível apenas no mundo perfeito dos sonhos, idealiza a figura da mulher.
- e) as imagens expressam o desejo do poeta de fugir da realidade na direção de um mundo pitoresco e idealizado, criado à imagem de suas lembranças e emoções.

3 (UFG-GO)

Leia os trechos do poema “Canção do exílio”, da coletânea *As primaveras*, de Casimiro de Abreu.

Canção do exílio

[...]
Oh! que saudades tamanhas
Das montanhas,
Daqueles campos natais!
Daquele céu de safira
Que se mira,
Que se mira nos cristais!
[...]
Debalde eu olho e procuro...
Tudo escuro
Só vejo em roda de mim!
Falta a luz do lar paterno
Doce e terno,
Doce e terno para mim.
Distante do solo amado
— Desterrado —
A vida não é feliz.
Nessa eterna primavera
Quem me dera,
Quem me dera o meu país!
[...]

ABREU, Casimiro de. *As primaveras*. São Paulo: Martin Claret, 2009. p. 23-4.

A estética romântica, impulsionada pelo cenário histórico que vinha se desenhando no país, teve como projeto a busca do nacional pelos escritores, que passaram a

dar uma nova significação para os elementos da natureza do Brasil. Dentro desse projeto, Casimiro de Abreu, no poema que abre o “Livro primeiro” da coletânea *As primaveras*, exprime o amor e a saudade da terra natal. Entretanto, o modo como o poeta canta a pátria diferenciava-se da maneira como os demais românticos o fizeram, por evidenciar:

- a) intimismo nostálgico.
- b) pessimismo acentuado.
- c) lirismo amoroso.
- d) descritivismo paisagístico.
- e) egocentrismo exaltado.

4 (UFMT)

Assinale a alternativa cujo enunciado caracteriza o Romantismo enquanto desenvolvimento temático e tratamento estilístico.

- a) Observação da realidade marcada pelo senso quase fatalista das forças naturais e sociais pesando sobre o homem; estilo nervoso, capaz de reproduzir o relevo das coisas e sublinhar com firmeza a ação dos homens.
- b) Criação de uma realidade abstrata e intangível, presa aos temas da morte e das paisagens vagas, impregnadas de misticismo e espiritualidade; ritmos musicais, aliterativos e sinestésicos.
- c) Gosto pela expressão dos sentimentos, sonhos e emoções que agitam o mundo interior do poeta; abandono gradual da linguagem lusitana em favor da brasileira, tanto no vocabulário quanto nas construções sintáticas.
- d) Representação objetiva da sociedade como meio de crítica às instituições sociais decadentes (Igreja, casamento); linguagem narrativa minuciosa, acúmulo de detalhes para criar impressão de realidade.
- e) Necessidade de romper com velhas formas na primeira fase do movimento, chocar o público com novas ideias; liberdade de criação como princípio fundamental, privilégio dado à inspiração.

5 (Unioeste-PR)

Os poetas da Literatura Brasileira, de diferentes estirpes, por influências e motivos diversos, refugiaram-se em determinados temas ou elencaram razões para seus cantos que se tornaram célebres. É o caso daquele famoso poeta que, por convenção artística, cognominava-se Glauceste Satúrnio e assim inicia um de seus sonetos. “Já me enfado de ouvir este alarido, / Com que se

engana o mundo em seu cuidado; / Quero ver entre as peles e o cajado, / Se melhora a fortuna de partido.”

Outros há, porém, que apelaram para a evasão e para o idealismo, quer seja no mundo da infância: “Oh! que saudades que tenho / Da aurora da minha vida / Da minha infância querida / Que os anos não trazem mais!”; quer seja no desejo de morte: “Adeus, meus sonhos, eu pranteio e morro! / Não levo da existência uma saudade! / E tanta vida que meu peito enchia / Morreu na minha triste mocidade!”; quer seja na idealização do indígena: “Da tribo pujante, / Que agora anda errante / Por fado inconstante, / Guerreiros nasci; / sou bravo, sou forte, / sou filho do Norte; / Meu canto de morte, / Guerreiros, ouvi.”

Outros, contudo, influenciados pelas vanguardas artísticas europeias, ao lado de artistas plásticos, músicos, escultores e arquitetos – a tropa de choque da Semana de Arte Moderna – propuseram o confronto da arte moderna com a passadista, como é o exemplo de: “Cortina de brim caipora / Com teia caranguejeira / E enfeite ruim de caipira / Fale fala brasileira” ou, então, dizendo-se um “escritor difícil”, ironiza: “Você sabe o francês ‘singé’ / Mas não sabe o que é guariba / Pois é macaco, seu mano, / Que só sabe o que é de estranja.”

Com base no 2º parágrafo do texto, assinale a alternativa **correta**, tendo em vista, respectivamente, os três poetas aludidos.

- a) Casimiro de Abreu; Álvares de Azevedo; Gonçalves Dias.
- b) Casimiro de Abreu; Castro Alves; Gonçalves Dias.
- c) Castro Alves; Fagundes Varela; Gonçalves de Magalhães.
- d) Castro Alves; Gonçalves de Magalhães; Castro Alves.
- e) Fagundes Varela; Álvares de Azevedo; Gonçalves Dias.

6 (FGV-SP)

O Colocador de Pronomes

¹Havia em Itaoca um pobre moço que definhava de tédio no fundo de um cartório. ²Escrevente. Vinte e três anos. Magro. Ar um tanto palerma. [...]

³Vivia em paz com as suas certidões quando o flechou venenosa seta de Cupido. Objeto ⁴amado: a filha mais moça do coronel Triburtino, o qual tinha duas, essa Laurinha, do escrevente, ⁵então nos dezessete, e a do Carmo, encalhe da família [...].

⁶Triburtino não era homem de brincadeira. [...] Toda gente lhe tinha um vago medo; mas

o 7 amor, que é mais forte que a morte, não receia sobrecechos enfarruscados nem tufos de 8 cabelos no nariz.

9 Ousou o escrevente namorar-lhe a filha, apesar da distância hierárquica que os separava. 10 Namoro à moda velha, já se vê, pois que nesse tempo não existia a gostosura dos cinemas. 11 Encontros na igreja, à missa, troca de olhares, diálogos de flores – o que havia de inocente e 12 puro. [...] Depois, a serenata fatal à esquina, com o “Acorda, donzela...” sapecado a medo num 13 velho pinho de empréstimo. Depois, bilhete perfumado.

14 Aqui se estrepou...

15 Escrevera nesse bilhete, entretanto, apenas quatro palavras, afora pontos exclamativos e reticências: “Anjo adorado! 16 Amo-lhe!”.

17 Para abrir o jogo bastava esse movimento de peão. Ora, aconteceu que o pai do anjo 18 apanhou o bilhete celestial e, depois de três dias de sobrececho carregado, mandou 19 chamá-lo à sua presença, com disfarce de pretexto – para umas certidõeszinhas, explicou.

20 [...] Mal o pilhou portas aquém, o coronel trancou o escritório, fechou a carranca e disse: 21 – A família Triburtino de Mendonça é a mais honrada desta terra, e eu, seu chefe natural, 22 não permitirei nunca – nunca, ouviu? – que contra ela se cometa o menor deslize.

23 Parou. Abriu uma gaveta. Tirou de dentro o bilhete cor-de-rosa, desdobrou-o.

24 – É sua esta peça de flagrante delito?

25 O escrevente, a tremer, balbuciou medrosa confirmação.

26 – Muito bem! Continuou o coronel em tom mais sereno. 27 Ama, então, minha filha e tem a audácia de o declarar... Pois agora...

28 O escrevente, por instinto, ergueu o braço para defender a cabeça e relanceou os olhos 29 para a rua, sondando uma retirada estratégica.

30 – ... é casar! Concluiu de improviso o vingativo pai.

31 O escrevente ressuscitou. Abriu os olhos e a boca, num pasmo. Depois, tornando a si, 32 comoveu-se e com lágrimas nos olhos disse, gaguejante:

33 – Beijo-lhe as mãos, coronel! Nunca imaginei tanta generosidade em peito humano! Agora 34 vejo com que injustiça o julgam aí fora!...

35 Velhacamente o velho cortou-lhe o fio das expansões.

36 – Nada de frases, moço, vamos ao que serve: declaro-o solenemente noivo de minha filha!

37 E voltando-se para dentro, gritou:

38 – Do Carmo! Venha abraçar o teu noivo!

39 O escrevente piscou seis vezes e, enchendo-se de coragem, corrigiu o erro.

40 – Laurinha, quer o coronel dizer...

41 O velho fechou de novo a carranca.

42 – Sei onde trago o nariz, moço. Vassuncê mandou este bilhete à Laurinha dizendo que 43 ama-“lhe”. Se amasse a ela deveria dizer amo-“te”. Dizendo “amo-lhe” declara que ama a uma 44 terceira pessoa, a qual não pode ser senão a Maria do Carmo. Salvo se declara amor à minha 45 mulher...

Monteiro Lobato. *Negrinha*.

Considere as seguintes afirmações acerca de elementos linguísticos do texto:

I. Diferentemente do que ocorre em “Amo-lhe” (ref. 16), o pronome “lhe” tem valor possessivo no trecho “Beijo-lhe as mãos” (ref. 33).

II. “Mal” (ref. 20) introduz uma oração que dá ideia de tempo.

III. A palavra “então” tem o mesmo sentido, tanto no trecho “então nos dezessete” (ref. 5) quanto em “Ama, então, minha filha” (ref. 27).

Tendo em vista o contexto, está correto apenas o que se afirma em:

- a) I
- b) II
- c) III
- d) I e II
- e) II e III

7 (Uespi-PI)

Síndrome do excesso de informação

O eterno sentimento humano de ansiedade diante do desconhecido começa a tomar uma forma óbvia nestes tempos em que a informação vale mais que qualquer outra coisa. As pessoas hoje parecem estar sofrendo porque não conseguem assimilar tudo que é produzido para aplacar a sede da humanidade por mais conhecimento.

Como toda ansiedade, a angústia típica de nosso tempo machuca. Seu componente de irracionalidade é irrelevante para quem se sente mal. O escritório de estatísticas da Inglaterra divulgou recentemente uma pesquisa que é ao mesmo tempo um diagnóstico. Cerca de um sexto dos in-

gleses entre 16 e 74 anos se sente incapaz de absorver todo o conhecimento com que esbarra no cotidiano. Isso provoca tal desconforto que muitos apresentam desordens neurológicas. O problema é mais sério entre os jovens e as mulheres. Quem foi diagnosticado com a síndrome do excesso de informação tem dificuldade até para adormecer.

O sono não vem, espantado por uma atitude de alerta anormal da pessoa que sofre. Ela simplesmente não quer dormir para não perder tempo e continuar consumindo informações. Os médicos ingleses descobriram que as pessoas com quadro agudo dessa síndrome são assoladas por um sentimento constante de obsolescência, a sensação de que estão se tornando inúteis, imprestáveis, ultrapassadas. A maioria não expressa sintomas tão sérios. O que as persegue é uma sensação de desconforto – o que já é bastante ruim.

O ambulatório de Ansiedade da USP ainda não pesquisa a ansiedade de informação especificamente. Mas tem atendido um número crescente de ansiosos que mencionam como causa de suas apreensões a incapacidade de absorver informações ao ritmo que consideram ideal. “Ler e aprender sempre foi tido como algo bom, algo que devíamos fazer cada vez mais. Não sabíamos que haveria um limite para isso. Está acontecendo com a informação o mesmo que já acontece com o hábito alimentar. Em vez de ficarmos bem nutridos, estamos ficando obesos de informação”, diz Anna Verônica Mautner, psicanalista em São Paulo.

Cristina Baptista. *Veja*. São Paulo: Abril, set. 2001 (Fragmento).

Analise o segmento: “Não sabíamos que haveria um limite para isso”. O item sublinhado, para ser interpretado com êxito:

- a) precisa ser entendido como uma palavra invariável.
- b) requer que conheçamos sua origem etimológica.
- c) necessita que se recorra a partes anteriores do texto.
- d) supõe que temos ciência de sua composição fonológica.
- e) exige que saibamos como escrevê-lo corretamente.

8 (UFPB)

Essa mocidade de hoje...

¹Realmente não está fácil educar filhos hoje em dia. Não ouvem nossos conselhos e seguem caminhos ²estranhos, geralmente perigosos. Coisas do fim de século, explicam. Meu filho mais velho, por exemplo. ³Deu de cheirar. Não entendo

onde pegou esse vício terrível. Acredito que foi na leitura de velhos romances ⁴portugueses, ele, um apaixonado por primeiras edições.

⁵Minha mulher o defende. Diz que não faz mal. Brigamos muito por causa **disso**. Um cunhado, médico, também assegura que não prejudica a saúde. É quando muito um mal social, insiste. Pode até ser, concordo, afinal milhares de jovens estão fazendo o mesmo em todo o mundo, mas quem aguenta uma pessoa espirrando ⁶o tempo todo? Até nas igrejas **ele** abre sua caixa (que não sei como chama) e aspira o rapé. Tento proibir:

– Meu filho, você vive molhando os outros, pregando sustos, irritando. Abandone esse vício espalhafatoso, incômodo. Seria melhor fumar charuto.

Ele nem liga, sempre espirrando, em conduções, velórios, conferências, teatros, em toda parte. Não consegue se livrar desse pó maldito. É um dependente. Quando vai pedir emprego, para desinibir, cheira.

– Estou me apresentando para... atchim!

– O senhor está resfriado?

– Não. – Atchim, atchim, atchim etc.

Sai, claro, desempregado como entrou. Espirro não é forma de comunicação, não é argumento, não vale como currículo.

Apaixanou-se e foi pedir a mão da moça em casamento. Disseram-me que foram onze atchins consecutivos. Uns altos, outros baixos, uns fragmentados, outros explosivos, mas tudo muito monótono. O futuro sogro até que se conteve a princípio, mas quando o viu tirar automaticamente do bolsó a caixa de rapé, perguntou:

– O senhor é viciado nisso?

– Sou – ele confessou de cabeça baixa.

E o sogro disse não.

Outro filho meu também está se desviando. Evita pais e parentes. Não gosta de estudar, de ler, mora no mundo da Lua. Noite alta, salta a janela de casa e desaparece. Descobrimos isso e o forçamos a contar o que faz na rua até madrugada. Negou-se peremptoriamente. Ameaçou até suicidar-se com gás se insistíssemos.

Mas não recuamos e procuramos descobrir o que leva esse insensato a sumir dessa maneira.

– Pra mim tem música nisso – suspeitou a mãe.

– Música? É, pode ser – admiti. – Ele anda tão alheio a tudo...

Tinha razão. Descobrimos. O maroto anda fazendo serenata! Meu filho, seresteiro! Comprou um violão às escondidas! Agora vive fazendo ba-

ruído ao pé de janelas, nas madrugadas, despertando pessoas que precisam acordar cedo para o trabalho. E exposto alucinado ao sereno, à garoa, ao chuveiro, que tão mal fazem aos pulmões. Muitos seresteiros, sabe-se, morrem de pneumonia, isso quando – eles que se cuidem – não são abatidos por tiros de garrucha por pais, irmãos e namorados das moças que pretendem agradar. Ou mesmo por vizinhos furiosos. As gazetas sempre trazem casos assim.

E por fim tem o menorzinho. Esse se viciou nessa tal de lanterna mágica. Conhecem, não? Chegou recentemente da Europa e está à venda nas lojas do centro. É um aparelho óptico que amplia e projeta imagens iluminadas. O menino fica numa sala escura com amiguinhos o dia inteiro vendo essas imagens. Jaulas de macacos, parques de diversões, trens, balões, banquetes, caras de reis e navios. Imagens coloridas que parecem ter dimensões e movimento. A impressão é que os garotos esquecem o lar, se afastam do mundo, rompem com a realidade. Podem imaginar uma coisa assim? O aparelho causa hipnose, fixação mórbida, idiotiza, e talvez possa cegar. Li que a lanterna mágica, projetando cerca de dez imagens por minuto, acaba causando sérias perturbações no cérebro dos jovens, levando inclusive ao enlouquecimento. Sim, ao enlouquecimento!

Pó que vicia, ritmos antissociais, máquinas diabólicas. Caluda!

Este fim de século ameaça destruir nossos jovens.

São Paulo de Piratininga, 1893.

REY, Marcos. Essa mocidade de hoje... In: *O coração roubado e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 2003, p. 50-3. (Para Gostar de Ler, v. 19.)

No segundo parágrafo, os elementos de coesão textual destacados – “o”, “disso”, “ele” – referem-se, respectivamente, a:

	o (ref. 5)	disso (ref. 5)	ele (ref. 6)
a)	“Meu filho mais velho” (ref. 2)	“Deu de cheirar” (ref. 3)	“Um cunhado médico” (ref. 5)
b)	“esse vício terrível” (ref. 3)	“leitura de velhos romances” (ref. 3)	“Meu filho mais velho” (ref. 2)
c)	“Meu filho mais velho” (ref. 2)	“Deu de cheirar” (ref. 3)	“Meu filho mais velho” (ref. 2)
d)	“esse vício terrível” (ref. 3)	“leitura de velhos romances” (ref. 3)	“Um cunhado médico” (ref. 5)
e)	“esse vício terrível” (ref. 3)	“Deu de cheirar” (ref. 3)	“Um cunhado médico” (ref. 5)

9 (UFPE)



Quem se alimenta bem, tem mais energia para estudar, trabalhar, aprender, se divertir. Combine feijão e arroz com os alimentos que você gosta. Essa receita não tem erro.

Imagem disponível em: <www.fomezero.gov.br/noticias/mds-lanca-campanha-brasilque-da-gosto. Acesso em: 2/12/2009>. [Adaptado]

A análise dos elementos linguísticos que compõem o texto nos permite afirmar que (marque V ou F):

- () o fato de o verbo “comer”, no início do cartaz, estar em sua forma imperativa confere à mensagem um tom categórico.
- () o recurso de isolar os dois segmentos que iniciam o cartaz por meio do ponto final foi utilizado para enfatizar cada um deles.
- () em “seu ritmo de vida”, o pronome se refere a qualquer leitor do texto, e tem a função de criar envolvimento.
- () no slogan “Feijão com arroz – é Brasil que dá gosto”, fica clara a intenção de se jogar com a polissemia da expressão “dá gosto”.

() no trecho: “Combine feijão e arroz com os alimentos que você gosta”, a ausência da preposição “de” antes do pronome relativo revela a opção do autor por aproximar a linguagem do uso coloquial.

- a) F-V-F-V
- b) V-V-V-V
- c) V-V-V-F
- d) F-V-V-V
- e) V-V-V-F

10 (UFTM-MG)

Minha mulher, a solidão,
Consegue que eu não seja triste.
Ah, que bom é ao coração
Ter este bem que não existe!

Recolho a não ouvir ninguém,
Não sofro o insulto de um carinho
E falo alto sem que haja alguém:
Nascem-me os versos do caminho.

Senhor, se há bem que o céu conceda
Submisso à opressão do Fado,
Dá-me eu ser só – veste de seda –,
E fala só – leque animado.

Fernando Pessoa. *Poesias coligadas. Inéditas 1919-1935.*
Em: *Obra poética em um volume*, 1986.

Na frase – *Nascem-me os versos do caminho* – o pronome *me*:

- a) complementa o sentido do verbo, indicando o objeto da ação.
- b) equivale a *a mim*, que substitui por razões de sonoridade da frase.
- c) refere-se à pessoa do emissor, informando a participação deste na ação verbal.
- d) equipara-se a *comigo* e informa a resposta do poeta à criação.
- e) traz informação de posse, equivalendo a – *meus versos nascem do caminho*.

11 (UFG-GO)

O gênero discursivo *biografia* é composto por uma narração que busca reconstituir os fatos mais relevantes da vida de uma pessoa ou personagem, que, geralmente, alcançou a celebridade por meio de suas ações. A biografia tem como público, na maioria das vezes, pessoas curiosas que se interessam pelo lado mais humano da história e que, por meio da leitura, podem sentir-se mais próximas das personagens que admiram. Por se tratar de um texto de natureza narrativa, seu autor possui uma certa liberdade para se expressar, visto que as cenas criadas por ele são recriações de uma dada realidade, o que admite um componente ficcional, permitindo a exploração de recursos de linguagem para valorizar o texto. O texto biográfico objetiva proporcionar ao leitor a reconstituição, o mais real possível, de uma imagem da personalidade cuja vida está sendo contada. Por isso, as citações funcionam como um interessante recurso, porque permitem incorporar ao texto a “voz” daquela pessoa, associando-a a momentos importantes da sua vida.

Considerando as explicações acima, escreva a biografia de um artista (fictício ou real), cujas ações relativas ao reconhecimento e à difusão da arte no Brasil o tenham colocado no lugar de celebridade. Para justificar o registro da história do biografado, produza o texto destacando os principais acontecimentos e realizações do artista em uma área das artes. Conte a história da celebridade escolhida, demonstrando como sua obra propõe e reforça as funções estética e/ou utilitária da arte no cotidiano. Por meio de fatos ocorridos, de falas da personagem e de sua interação com outras personagens, explicito o ponto de vista do artista sobre o papel da arte na vida das pessoas.